

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Publicação mensal—Assignatura por anno 500 réis

A importancia total das assignaturas d'esta publicação reverte a favor das Officinas •Branco Rodrigues• instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, para onde devem ser enviadas directamente todas as quantias e a correspondencia relativa á administração do Jornal

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>ADMINISTRAÇÃO Asylo dos Cegos Castello de Vide</p>
--	---	--

HISTORIA DO ENSINO DA ESCRIPTA DOS CEGOS

ESCRIPTA VULGAR—ESCRIPTA CONVENCIONAL

(Continuação)

Em 1864 M. Ballu, retomando a idéa de Braille, a de fazer letras vulgares em relevo pontuado, fixou em 5 pontos a sua altura, e, com o auxilio de uma pauta, todos os cegos podem facilmente aprender esta escripta, que infelizmente é lenta. Emquanto as machinas e guias de mão appareciam e desapareciam, a pauta para escrever o alphabeto Braille ia-se aperfeiçoando, especialmente, graças a Furnier, a Laas d'Aguen, a Levitte, a Ballu, e adaptavam-na a necessidades differentes em Londres, Dresde, Vienna e Copenhague. O systema Braille, modificado em New-York, em 1860, fez apparecer na America uma pauta especial.

Em consequencia das reuniões dos congressos nacionaes e internacionaes, e da criação de jornaes typhlogicos nas linguas italiana, franceza, ingleza e allemã, houve recrudescencia de invenções de machinas para a escripta dos cegos: M. Recordon, de Lausanne, construiu uma curiosa machina para escrever ao mesmo tempo o systema Braille e letra em negro; e depois se-

guiram-se-lhe: Boveyn, de Lille, Wagner, da Suissa, Mauler, Péphau, Saint-Gorgon, que expuzeram machinas analogas no congresso de Amsterdam, no congresso de Colonia, na exposição universal de Paris.

O primeiro lugar entre estes novos inventores pertence evidentemente ao conde de Beaufort, não só por causa do stylographo (1883), que é o unico, talvez, entre os guias de mão de letras tangiveis, que produz a escripta pessoal, não só por causa do melo-stylographo que produz a escripta musical em relevo, mas especialmente por ter suscitado o renascimento da escripta vulgar nas escolas de cegos de França.

A escripta stylographica feita com a mão livre, estudada simultaneamente em quatro escolas francezas, teve de ser abandonada, por ser muito difficil, e foi substituida pela escripta de guia cellular; então mademoiselle Mulot, d'Angers, imaginou, em 1887, um guia de cellulas com o obturador fixo, de que se fallou muito n'estes ultimos annos.

No Instituto de Paris, no hospicio dos irmãos de S. João de Deus, da rua Lecourbe, e em outras escolas, tem-se simplesmente, á imitação de Guigneaux, de Laon, e de Broutin e Proust, de Amiens, feito traçar as letras maiusculas lineares nos rectangulos da pauta Braille, de sorte que os cegos só teem necessidade de um unico aparelho para escrever Braille e a escripta vulgar linear, quer plana, quer em relevo.

Os jornaes teem feito n'estes ultimos dez annos grandes elogios a outros aparelhos, como por exemplo ao guia de mão Castel, scotographo hollandez, etc., que, comtudo, estão longe de ter o mesmo valor pratico que tem o guia de mão polaco Wagner, o qual póde prestar serviços reaes aos adultos.

Para completar este estudo e dar uma idéa da quantidade de aparelhos imaginados para fazer escrever os cegos, citarei ainda: o guia de mão simples de Fawcett, os novos guias de mão Bourgougnon, Thirion, Nicati, Carbonnier, Norwicki, Mericaut, Robert, Bablon, e, alem d'esses, *La Facile* de madame de la Ramberge, o graphanorano Mouilliéras, de Nantes, o amaurographo Wrizechenski, a tinta do abbade Vitali, de Milão, a machina Tignat, o obturador Proust, a machina Ravel para escrever musica, os aparelhos Vézien et Mascaró que amalgamam o systema Braille e a escripta vulgar, a pauta belga para produzir o pontuado romano do irmão Izidoro; o papel regrado e os differentes guias da casa Moon, e, finalmente, o curioso duographo do abbade Stiltz, que produz ao mesmo tempo a escripta Braille e a escripta vulgar em relevo.

(Continúa)

INSTITUTOS ESTRANGEIROS

Royal Normal College and Academy of Music for the Blind

(Real Collegio Normal e Academia de Musica para os Cegos)

(Concluido do numero antecedente)

O curso da *Academia de Musica*, comprehende quatro aulas:—(1) Aula de canto; (2) Aula de piano; (3) Aula de orgão; (4) Aula de harmonia contraponto e composição.

*

Para que os leitores possam fazer idéa do numero de cegos que existem no mundo, de quantos frequentam as escolas e o numero de seus professores, extrahi da excellente obra *The Education and Employment of the Blind (A educação e o emprego dos cegos)*, escripta em 1886, pelo fallecido dr. Armitage, fundador do *Real Collegio de Londres*, o seguinte e interessantissimo quadro, que é a estatistica mais moderna, que se acha publicada.

Quadro estatístico dos cegos que existiam em 1885

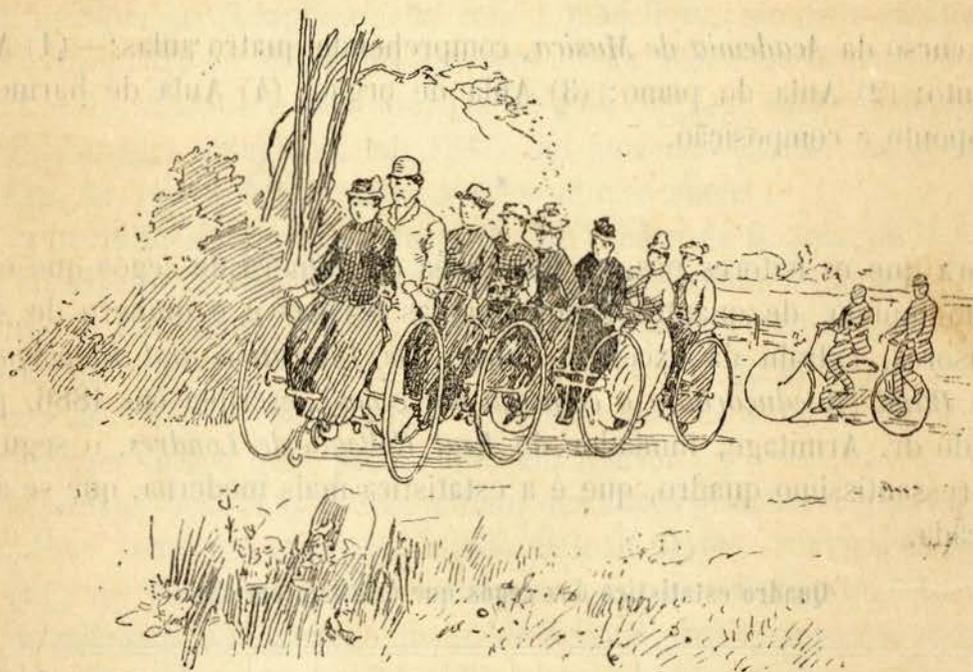
Paizes	População	Numero de cegos	Institutos de cegos	Institutos de educação	Escolas primarias	Institutos e aylos	Cegos nos institutos	Directores e professores	Mestres das officinas	Professores cegos
Allemanha	45.000:000	37:672	35	29	3	3	1:811	163	83	23
Austria-Hungria..	37.500:000	29:000	11	9	-	3	554	59	25	20
Suissa	2.800:000	2:097	3	3	-	-	106	19	6	5
Hollanda	4.000:000	3:330	8	1	1	5	297	24	10	8
Dinamarca	2.000:000	1:400	3	1	1	1	156	15	5	1
Suecia e Noruega	5.800:000	4:830	7	2	1	4	171	24	13	3
Russia	81.000:000	150:000	5	7	-	8	397	27	15	5

A esse quadro ha ainda que acrescentar:

Os cegos que existiam, no mesmo anno de 1885, em 23 escolas de França, eram em numero de 912, sendo 459 rapazes e 453 raparigas, não contando com os 300 asylados do Hospicio dos «Quinze-Vingts» e os 2:200 a quem este hospicio dá pensões annuaes.

Alem d'estes, na Belgica, eram educados 198 cegos em 5 institutos.

A Italia já possuia n'essa epocha 9 escolas, onde se educavam 358 creanças cegas de ambos os sexos e um asylo, *Casa di San Giuseppe*, que alberga 200 cegos.



REAL COLLEGIO DE LONDRES — Corridas de velocipedes

Em Hespanha, pela estatistica de 1880, eram educadas 652 creanças cegas, nos institutos que existem em Madrid, Barcelona, Burgos, Cordova, Santiago, Salamanca, Sevilha, Tarragona, Alicante e Saragoça.

Em Madrid fui visitar o *Collegio de Sordo-mudos y Ciegos*, dirigido pelo sr. D. Manuel Blasco y Urgel.

Com este illustre director conversei durante longo tempo sobre methodos de ensino.

Confessou-me este auctorizado professor, que, apesar de em Hespanha se terem inventado diferentes processos de ensino, sendo o mais notavel o de Llorens, de Barcelona, comtudo, o unico systema que é adoptado é o de Braille, que está em uso em todas as escolas do mundo.

Todas as numerosissimas invenções, que aos olhos dos profanos, na sciencia de ensinar os cegos, parecem offerecer vantagens, não teem para os professores entendidos o menor valor.

Ha tambem escolas de cegos na Grecia, na Syria e no Egypto, onde é fabulosa a quantidade de cegos, pois dez por cento da população, n'este ultimo paiz, é cega ou quasi cega.



REAL COLLEGIO DE LONDRES — Exercicios de patinagem

Uma ophthalmia purulenta, que é uma doença muito contagiosa e vulgarissima n'aquelle paiz, é a causa d'esta triste desgraça.

No Japão e na China tambem já ha institutos para o ensino dos cegos.

O primeiro instituto do Japão foi fundado em Kiyot por um filho do imperador, que cegou.

A primeira escola da China foi fundada em Peking por Mr. Murray, um dos missionarios da *Scottish Bible Society* (Sociedade Escoceza da Biblia), a quem este jornal já se referiu em um artigo publicado num dos ultimos numeros.

Em Hong-kong existe tambem uma escola e um hospital, fundado pelas irmãs francezas de S. Vicente de Paulo.

No Rio de Janeiro, no Mexico e na Australia foram creados modernamente importantes institutos para o ensino dos cegos.

Em todos elles é usado o systema Braille.

É, porém, na America do Norte, onde o ensino dos cegos está muito diffundido.

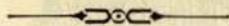
Em 1884 havia 29 escolas, frequentadas por 2:400 alumnos.

Póde calcular-se o que os americanos não terão feito nos ultimos treze annos a favor dos cegos!

O nosso paiz era o unico que não podia figurar na estatistica, a que acabo de me referir, e que foi feita em 1885.

Para remediar esse mal, resta-me a esperanza de que o actual governo faça executar a humanitaria lei decretada em 22 de dezembro de 1894, que cria o ensino official dos cegos, e que até hoje não foi posta em pratica.

BRANCO RODRIGUES.



OS CEGOS

Pelo cego M. de la Sizeranne

(EXTRACTOS)

PSYCHOLOGIA DO CEGO

I

(Continuação)

Depois de uma longa separação póde haver uma duvida: bastam alguns instantes ordinariamente para se dissipar essa duvida.

Ha certas pronuncias, certos modos de articular, certos sons da voz, que não se esquecem, e se impressionaram a alma do cego no momento

em que se modifica a vida, a lembrança d'elles grava-se tão profundamente no coração e na memoria d'aquelle que nunca viu o olhar, mas que ouviu esses sons, que ao cabo de muitos annos de separação e talvez de indifferença, essa lembrança fará com que elle reconheça uma pessoa por uma só palavra, por um simples sopro.

É muito difficil sustentar uma discussão, uma simples conversação, sem que a voz tráia as emoções da alma: a colera, a dor, a satisfação, o desdem.

Uma falsa inflexão denuncia o constrangimento, um leve tremor da voz, um accento um pouco ironico, fazem conhecer as impressões que vibram na alma das pessoas que se observam.

II

A cegueira em si não altera as faculdades intellectuaes; áquelle paleographo, que tem decifrado tantos pergaminhos amarellecidos pelos seculos e tanto tem prolongado as suas sabias vigílias, que a vista se lhe apagou, não se lhe minora por este facto a intelligencia; aquella creança alegre, que no calor do jogo se precipitou sobre as tesouras da mãe ou recebeu nos olhos um pó corrosivo, não experimentou tão pouco um desvio das suas faculdades intellectuaes; não, a creança ferida no meio da sua alegria, o beneditino prostrado por momentos sobre a mesa do trabalho depressa se tornam a levantar, e, se teem realmente o fogo sagrado, recomeçam com outros meios, mas quasi sempre com o mesmo calor e a mesma lucidez, um os seus trabalhos, outro os seus brinquedos. A final, o que lhes falta, a um e a outro, tanto á creança como ao homem? Um instrumento e mais nada. Convenho que seja um instrumento poderoso, mas será um instrumento indispensavel? Eu entendo que não, e basta lembrar Milton, Sanderson, Augustin Tierry, Fawcete, George V de Hanovre e muitos outros para fazer calar quem me contradiga. — Para que as faculdades fiquem intactas depois como antes da cegueira é necessario, bem entendido, que a perda da vista não seja resultado de uma affecção cerebral.

Da causa da cegueira e das condições em que ella se produziu é que depende toda a situação intellectual, seja qual for a idade em que o cego for atacado.

É verdade que o cego de nascença ficará privado de certas noções que só os olhos podem dar, mas exagera-se muitas vezes o numero e a im-

portancia d'essas noções. Em primeiro lugar ha relativamente poucos cegos de nascença, e alem d'isso não julgo temerario sustentar que, philosophicamente, o sentido da vista não tem a preponderancia que se lhe tem attribuido á *priori*. O ouvido e o tacto ministram mais conhecimentos, e especialmente mais conhecimentos precisos, do que a vista, que engana muitas vezes e que necessita constantemente de ser auxiliada pelo tacto, *essa vista de perto*. O ouvido põe o homem em communicação directa com os seus semelhantes, por consequencia com o mundo moral e intellectual; o tacto, o gosto e ainda o ouvido é que o põe em relação com o mundo physico. Que lhe falta então, e o que é que a vista ajunta aos conhecimentos intellectuaes?

A noção das cores, da perspectiva, de uma certa belleza physica, e mais nada. Á parte isto não ha noções que um bom ensino (o que é indispensavel) não possa dar ao cego de nascença.

Se o cego teve vista até aos oito ou nove annos, e especialmente se durante a infancia a sua intelligencia se desenvolveu, elle está absolutamente ao nivel intellectual das pessoas que veem, visto que possuem as noções das cores, perspectiva, etc., que hão de faltar sempre ao cego de nascença. É pouco conveniente fallar de si proprio, todavia, em vista do que se está tratando, ainda o mais simples é entrar eu mesmo em scena, e é o que vou fazer.

Perdi a vista aos nove annos e affirmo que não me é estranha nenhuma das noções de que acabo de fallar.

É necessario dizer que, filho de pintor, educado em um atelier de paisagista, durante longas horas assisti á manipulação das cores. Os mysterios da perspectiva foram uns centos de vezes discutidos diante de mim; e mesmo, sentado a uma pequena mesa, a um canto do atelier paterno, entretinha-me a desenhar sombras.

Deus me livre, porém, de ter saudades d'aquellas horas assim passadas, porque hoje, decorridos vinte annos desde que perdi a vista, tenho um verdadeiro interesse em ouvir fallar de pintura, perspectiva, valor, similhaça de tons, etc. Todos os annos tenho o cuidado de fazer com que me expliquem os retratos, quadros e paisagens principaes, e leio com attenção as chronicas das diversas exposições.

(Continúa)